

DEPOSITO

SEMANARIO HUMORISTICO



Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX



ABAIXO A PORCARIA



Devido ao esforço da Ex.^{ma} Câmara, vamos ter água à farta e mais barata...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO

PIM-PAM-PUM

Relação dos concorrentes que obtiveram prémios neste interessantíssimo concurso

Os prémios de 50 escudos foram atribuídos aos concorrentes que totalizaram 20 pontos:

Rosa Maria
Guicha

Os prémios de 1 livro, no valor de 10 escudos, foram atribuídos aos seguintes concorrentes que totalizaram de 15 a 19 pontos:

Pimpão, Altamira, Rucas, J. Fernandes Gama, Rodrigues Pinho, Vasco Amaro de S. e Silva da Costa, Lizé, Maria Julieta Pereira de Lima, Adriano Fernandes da Silva, Bichinha Gata, Francisco Moutinho, L. Baia, Evaristo Teixeira, Ruy Altamira, Maria Regina, Conceição Pereira de Lima (Serigaita), Dília Galo de Moncorvo, Maria R. Lopes, A. Martins, Maria Rosa Moreira, Maria Manuela, Zé Lopes, Fuinhas, Maria Alice, A. Lopes, Miramar, Miquinhas, Terco dos Tercos, Maria Celeste, D. Tancredo, António Alves Barbosa, Miki, Nanachim, Terco das Tercas, Charlot, Pum-Pam-Pim, Monteiro II, Domingos Ferreira da Silva, Francisco de Oliveira, Saxies 3.º, T. A. T. C., João Ninguém, Belsai Sucessora, Joaquim Mota e Amaral.

Os livros a distribuir como prémios são os seguintes:

Segredo do Barba Azul
Romance dum solteirão
Maximina
A orgia
Valenciana

Livros da actualidade, belamente impressos e com artisticas capas de brochura a cores.

Da próxima segunda-feira em diante, os concorrentes poderão requisitar os respectivos prémios na nossa administração.

No próximo número damos a relação dos concorrentes que não deitaram abaixo o Sempre-em-Pé e que, por isso, tem direito aos garrafões de vinho que são gentilmente oferecidos pela importante ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395;
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártiros da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — FOZ EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Leio que está concluída, e exposta ao público no antigo edificio da Empresa Teixeira Lopes, em Gaia, a estátua em bronze do Marquês de Pombal.

Sempre eu me convencera de que semelhante estátua se não faria. De há muitos anos que, nas minhas viagens a Lisboa, me acostumara a ver, na Rotunda onde desemboca a grande Avenida, o pedestal do monumento erguido a prumo, mas despidido do vulto a cujo supedâneo fôra destinado. «Obras de Santa Engrácia — pensava eu. — O pedestal chegou a concluir-se, mas jamais a estátua virá encimá-lo. E se alguma figura deve de facto sobrepor-se-lhe, será a de Liberdade, cujo nome a Avenida usufrue desde o início.»

Pensava ainda que não fazia sentido colocar a estátua de Sebastião José entre a Avenida da Liberdade, o Parque Eduardo VII — um dos marcos mais democratas que tem havido — e a Avenida Fontes Pereira de Melo, marechal da Regeneração e corifeu do liberalismo. Porque Pombal foi exactamente o contrário de isto. Estadista mediocre, ditador à *poigne* e homem de pêlos no coração, o seu reinado — visto que D. José se comportou sempre como um polichinelo — foi um acervo de medidas administrativas ordinariamente más, um rosário de prepotências e uma cadeia de crueldades. Exalçá-lo ao ponto de um monumento na capital é encomiar a vaidade balofa e glorificar a tirania.

Expulsou os jesuitas? Acho que é por isso, e só por isso, que há cinquenta anos se vem tratando do seu monumento. Demos de barato que fosse esse um grande golpe político. Mas será bastante para se esquecerem o suplicio dos Távoras, as vinhas arrancadas à força, as alçadas do Pôrto, a queima do mentecapto Malagrida, o nepotismo arvorado em instituição, a delapidação dos cofres do Estado em proveito pessoal, os cárceres da Junqueira, as violências de toda a ordem exercidas sobre cidadãos pacíficos? De-certo não. E é pena vermos a sua sinistra figura erguida sobre uma montanha de mármore ao mesmo tempo que ninguém se lembra de Castelo-Melhor, um homem que, como estadista e como cidadão, valeu infinitamente mais.

Com franqueza: eu nunca compreendi, nem jamais alcancei explicar, a insistência dos homens da Monarquia Liberal, e depois dos da República, em glorificar uma fera daquele calibre. Que os absolutistas ferrenhos, e, modernamente, os partidários do poder pessoal do rei, o fizessem, vá. Estava porventura a dentro da sua ideologia politica. Mas que se comportem da mesma forma os filhos e netos dos homens que se bateram pela vitória do Constitucionalismo, e aqueles que na Rotunda expuseram o corpo às balas pela República, é coisa que não

posso admitir porque se me afigura o máximo dos contrasensos.

Na mesma ordem de ideias, ponto com as figuras do pedestal, absolutamente deslocadas. Uma estátua do Marquês exigia, como alegorias secundárias, a figura da Santa Inquisição, que elle tanto acarinhou, e a do Despotismo, que elle exerceu em larga escala e sem o qual nada teria sido. Melhor ainda: um tigre, apenas. Corpulento, poderoso, de garras afiadas e pupilas fusilantes. Assim, estava certo.

Mas o verdadeiro artista, de génio largo e traduzindo soberbamente os factos, seria aquele que tivesse ideado, para Sebastião José de Carvalho, uma estátua equestre: elle em cima, olhando com soberania, altivez e desdém a multidão. Por baixo, a servir-lhe de montada, humilde e submisso, D. José I.

Era a verdade exteriorizada em pedra, — sem necessitar sequer do manto diáfano da fantasia.

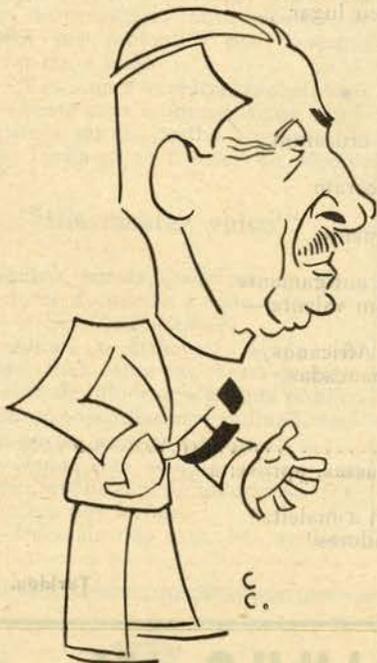
Marcial Jordão.

PERFIS DO PORTO

XLIX

CARLOS PILE

(negociante de bidés, banheiras e retretes)



«Auxilium in Periculo», o que em português de lei quere dizer: o Senhor dos Afritos.

Espertezas...

Panacrácio vai viajar
E anda muito atarefado
Para as malas arranjar
Com a ajuda do criado.

O tempo vai-lhe faltar,
E Panacrácio muito berra:
«O rapaz, toca a aviar,
Se não, ficamos em terra».

«Falta pouco, diz o servo;
Faltam só as direcções». Panacrácio, que é todo nervo,
Tem várias exclamações!...

Vendo o criado escrever
Sempre o nome, dá um urro:
E diz-lhe fulo, a tremor
«E's mais burro do que um burro»:

Como as bêstas metes dó,
Pois por si não se decidem;
Põe o nome n'uma só.
Nas outras malas põe idem!...

Dr. Pretito.

Balancete da semana

Que estão as Termas cheias, todas elas, — dizem às folhas os correspondentes. No Gerez, no Vidago e em Caldelas contam-se por milhares os doentes que vão curar as pristinas mazelas. Sofrem uns do intestino; outros do baço; outros da figadeira. E p'ra se verem livres do embaraço, abrem a bolsa e esgotam a carteira. Só eu tenho a virtude, que é uma desdita, em suma, de usufruir esplêndida saúde, sem padecer de viscera nenhuma! E' que o meu orçamento, sempre mesquinho — de rapaz solteiro — nunca me permitiu um sofrimento que custa tanta soma de dinheiro!

A propósito de águas: eu conheço uma família de alto luzimento que, do v'rao no comêço, precisava de muito tratamento. Tinha o pai reumatismo. A mãe sofria do peito. As duas filhas, de anemia. Eram diversos os locais de cura: banhos quentes p'ra um; serra e bom ar p'ra outra; e p'ra a gentil progenitura, *flirt* e banhos de mar. Separaram-se pois, mas com pesar. Foram as filhas para o Furadouro; a mãe, p'ra Coura, onde não há eunucos e onde se pode amar. O pobre velho, sempre com agouro, foi meter-se nos Cucos...
...E dizem que era ali o seu lugar...

Falando aos aviadores que cruzaram o mar últimamente, o Duce teve frases que chocaram um pouco toda a gente. «Vosso triunfo foi classicamente romano» — asseverou. E eu fiquei-me a pensar se antigamente foi de avião que Cesar — um valente — as Gálias conquistou; ou se Cipião, chamado «o Africano», Cartago destruiu, às três pancadas, atirando do seu aeroplano obuses e granadas.
Eu sei... Quem fala às massas, aproveita da retórica as flores. Porém esta é de mais, com a maleita! Tem cada uma, certos ditadores!

Há dias realizou-se no Cinema Trindade, desta cidade, um espectáculo que, além do programa cinematográfico, apresentava no seu cartaz este chamariz-aperitivo: *Luta entre mulheres*.

E' claro que para lá nos dirigimos, *velozes qual gamo*, na ânsia curiosa e doentia de vermos essas mulheres bater-se como mulheres que eram, ou seja com aquelas armas que a Natureza tão abundantemente lhes deu, arranhando, agatanhando, mordendo, puxando pelos cabelos umas às outras e principalmente trocando entre si aquele vocabulário que faria inveja ao saudável *Povo de Aveiro*, o jornal mais rico em adjetivos que tem saído dos prelos portugueses.

Mas que decepção! Fomos encontrar meia dúzia de matulonas, de nomes arrevesados e corpos monstruosos, enlaçando-se serenamente como se estivessem a *posar* para qualquer estuário.

E que saudades tivemos, nesse momento, daquelas movimentadas questões que tão vulgares são à porta das fábricas e em que as chinelas na mão e as saias erguidas até à cabeça tão bem se casam com os insultos vomitados ininterruptamente, como se saíssem de uma metralhadora!

Extracto de um pequeno diálogo por nós ouvido há pouco, nas Pedras:

ELE, *tipo do peralvilho moderno, com um bigode feito de pêlos em fila indiana, ou seja a um de fundo, saindo a porta da consulta do Dr. Cascão de Anciães e encontrando-se com ela* — Ah! Você por aqui, Lisete?

ELA, *menina alambicada, coberta de jóias, mas com um todo assaloiado, de nova rica* — E' verdade! Então, já consultou?

ELE, *fazendo boquinha em U* — Já! Receitou-me banhos, o Cascão!

ELA, *que ouvira mal, entretida como estava, derretidamente, a olhar para o nosso director* — Receitou-lhe banhos para o cascão?

ELE, *rindo-se em falsete e deitando também ao nosso director um olhar fatal* — Oh! Minha amiga! Por quem é! (*explicando*) Banhos de tina! Um banho diário, a 36°, durante um quarto de hora.

ELA, *rindo-se também do seu próprio engano* — Ah! Já sei! Receitou-lhe banhos de emoção!...

(Tableau)

Turiddu.

Dr. Knox.

Visitem ESPINHO--Magnífico Casino

PROJECCOES DE BRAGA

Com ou sem furão... eis a questão — O assunto mais importante da nossa cidade — Opiniões para todos os gostos — A sindicância à Comissão Venatória

Em Braga, no momento que decorre, uma preocupação única abrange todos os espiritos, um só assunto predomina em todas as conversas.

Já a ninguém interessa o facto da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra se encontrar a «média luz», chega também a passar despercebido o *relumbante sucesso* das festas realizadas ultimamente, no Casino do Bom Jesus.

Descende-se, neste torrão minhoto, a mais violenta das celeumas, jamais verificada adentro dos domínios venatórios regionais.

Empregar ou não o furão... eis a questão.

O decreto n.º 20:199 de 12/8/931, no seu artigo 18.º, permite o uso daquele *simpático bichinho* (o furão) a quem possuir a respectiva licença.

Ora, cingindo-se à letra do citado decreto, uma parte dos membros da Comissão do nosso concelho julgou por bem pronunciar-se abertamente em favor da saída do bicharoco, enquanto a parte restante opina contrariamente, alegando que os coelhos são poucos, as coelhas ainda menos, e que a um caçador de verdade apenas se torna necessário ter bom olho.

Em face de tão transcendente sarihada, encontra-se a referida Comissão em duas metades.

Como não podia deixar de ser, semelhante estado de coisas interiores chegou ao conhecimento do respectivo Ministério, que resolutamente interveio, na pessoa do syndicante nomeado, no sentido de indagar da importância do furão.

No intuito de bem esclarecer os nossos leitores (usa dizer-se assim nos periódicos de grande informação) fomos deabalada, à caça dos caçadores (passe o paradoxo).

Tornava-se-nos indispensável obter impressões, indagar de quem de direito, e, no regresso, passado o *Arco do Triunfo* da augusta cidade, diriga a nossa atenção até fixar-se nas imediações do mais vetusto e primordial monumento «Românico-Bra-queus».

Maxim's — 4 I —

Acordes dum ex-piano, aromas diversos confundindo-se com o predominante perfume a «Kentuk».

Coelhas receosas, lavandiscas, saltitando, e perdizes perdidas por incubação. Dois pombos correios e um pato bravo.

Salta-nos logo de entrada um *Canguru* esguio como uma agulha albardeira, que solicito, e pronto, nos informa:

— Para a caça destes sitios, há quem empregue o tiro rápido, mas nem sempre com êxito; arrisca-se o caçador a uma chumbada de recochete; também tem aparecido caça que resiste à espingarda de dois canos. No meu entender, por estas redondezas, acho conveniente o uso do furão e com rede... por causa das dúvidas.

O Coelho «Lord»

No Largo do Barão, esbarramos com o «Lord» *porisca*, que nos fala desta maneira:

— Na minha qualidade de coelho de pequeno porte (o que facilmente se pode verificar tirando-me as medidas) a minha opinião é muito reduzida. Julgo desnecessário tanto barulho; se alguém me pretender pode mesmo agarrar-me à unha.

— Mas... para os restantes coelhos...

— Neste caso a opinião mais abalizada deve ser do coelho com cara de furão. Dirija-se ao *Correio do Minho*.

«His master voice»

Dentro, mesas, cadeiras, papéis e redactores dormindo a sono solto.

— O Sr. Coelho está??

— Qual, o Ribeiro? Ainda não chegou, mas estou eu. Trata-se naturalmente de informar o grande público de que um nosso distinto e estimado assinante partiu para as Caldas.

— Nada. Não senhor: vimos simplesmente solicitar a opinião do Sr. Coelho acerca dos furões.

— Pois ele não está. Foi ao Bom

Jesus fazer a reportagem da futura festa do Casino.

— V. Ex.ª neste caso nada pode esclarecer??

— Como vê, isso não é comigo; é uma questão *puramente pessoal*.

— Na qualidade de caçador, se é que V. Ex.ª...

— Caço apenas assinantes, e com imensa dificuldade.

Fala o Coelho «Brasileiro»

Após os cumprimentos, Sua Ex.ª oferece-nos um *fresco*, que não aceitamos.

— Acha que para o caçar é preciso furão??

— Essa agora!! Isso foi tempo; hoje já lá não vou nem com rede.

— Portanto... prefere a caçadeira.

— Também não. No meu entender devia-se acabar de vez com essa coisa das excursões venatórias. Desde que vim para esta terra ainda não fiz outra coisa senão apanhar *tiros*.

A última instância

Ao despedirmo-nos, o acaso deparou-nos o Ex.º Sindicante junto da Confeitaria «Benamor».

— V. Ex.ª permite-nos uma pergunta?

— Queira dizer.

— Que poderá V. Ex.ª informar sobre o assunto que tem entre mãos?!

— Não compreendo... tenho-as completamente livres.

— Referimo-nos ao furão.

— Ah! Sim! E' um assunto por agora rigorosamente confidencial.

— Todavia, V. Ex.ª como sindicante... enquanto a questão não é solucionada...

— Dir-lhe-ei apenas: *Estão as coelhas sem trabalho e os furões à boa vida*.

Sal & Pimenta.

≡ IMPRENSA ≡

O *Correio do Minho*, diário bracarense muito conceituado, publicou, no seu número de 25 de Agosto, uma amável critica ao livro *Um ar da minha graça* do nosso director José de Artimanhã.

MARIA RITA em nome dele, agradece à respectiva redacção em geral, e em especial ao firmante dessa crónica, o sr. Fernando de Araújo Lima, que numa *miniatura*, estabelece uma formidável grandeza de conceitos. Um xi do homenageado e um beijo da MARIA.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR

Os "Lusíadas,, ilustrados

XII

DR. ABEL PACHECO



OCTAVIO
SE RUILO
1932

Condição liberal, sincero peito, magnificência grande e humanidade.
Canto 2.º — LXXI.

Consultório cinematográfico

Mais uma secção do nosso jornal, ou seja mais um novo triunfo. Assediados pelas cartas que todos os dias nos chegam a perguntar-nos os mais variados pormenores sobre a vida e hábitos dos artistas de cinema, tomamos a iniciativa de dar as respectivas respostas nesta secção.

Começaremos, pois:

Uma incompreendida — Freixo de Espada-à-Cinta — Não sei, minha senhora, quanto teria custado o bigodinho do Menjou. Sei apenas que o comprou num armazém de miudezas da 5.ª Avenida, em New-York, onde havia um grande saldo dêles, saldo que depois se espalhou pelo mundo inteiro. Mas se você tem muito empenho em oferecer um ao seu noivo, é escrever para a supracitada casa, que talvez lho mandem contra reembolso.

Fotogénica — Quinta da Bela Vista — Oh! minha senhora! Que imperdoável confusão! Quem fez o papel de que fala não foi o Jorge Bancroft. Foi a Mary Brian.

Pureza dos Anjos — Rua da... Pórtó — Sim, minha senhora. O célebre cão Rin-Tin-Tin era solteiro. Não sei se ficou outro a substituí-lo e se... Queira desculpar-me por não lhe poder fornecer, aqui no jornal, os informes que me pede.

J. L. um clarabowista ferrenho — Casa Sousa Cruz — Pórtó — Sempre tens cada uma, ó Zé Lima! Quem foi que te impingiu essa de que a Clara Bow tinha peito postigo? Então não vês que tudo aquilo é carninha da boa, carninha sem osso, carninha de 20 escudos cada posta? Não caias noutra! Eu bem sei que tu preferirias fazer como S. Tomé: Ver e apalpar para crer. Mas à mingua de mais vai-te contentando com os postais. Quando não pode comer a carne não se contenta o doente com os caldos?

«Mademoiselle» Berta B. — Santarém — Sim, minha senhora! Há na verdade cenas na vida que parecem de cinema, e pessoas que, involuntariamente, representam melhor que os melhores artistas. Mas a cena a que se refere foi sentida, foi vivida, e não tem o direito de duvidar da sua veracidade. Junto às suas as minhas saúdes.



Confusão natural

Balcão de um bar. Num dos bancos altos, levemente pingado, um marinheiro forte vai sorvendo o seu cock-tail.

A seu lado, também um pouco pingado, senta-se outro marinheiro, que pede novo cock-tail.

O PRIMEIRO MARINHEIRO, olhando o outro fixamente — Boa noite!

O SEGUNDO MARINHEIRO, olhando-o também e correspondendo — Boa noite!

O PRIMEIRO — Parece-me que o conheço...

O SEGUNDO — Talvez! A mim também me não é desconhecida a sua cara...

O PRIMEIRO, batendo na testa — E' isso! Agora me recordo! Foi em Hong-Kong!

O SEGUNDO, apoiando, entusiasmado — Tal qual! Em Hong-Kong!

O PRIMEIRO, suspendendo-se subitamente — Mas... estou enganado! Não pode ser daí, porque eu, afinal, nunca estive em Hong-Kong.

O SEGUNDO, apoiando — Tem graça, que eu também nunca estive em Hong-Kong!

O PRIMEIRO, muito sério — Quer isso então dizer...

O SEGUNDO, como um eco — Quer dizer...

O PRIMEIRO — Que não fomos nós que nos encontramos em Hong-Kong! Deviam ter sido outros!

O SEGUNDO, olhando-o de soslaio — Deviam! Deviam!...

Dr. Knox.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcelável

AUX GALERIES LAFAYETTE

Dr. K.

DESCANSO SEMANAL

Jericada provinciana—Urros—Ferradelas e coices

Vamos começar por transcrever certas passagens de um prospecto anunciador das Festas a N. Sr.^a do Faro, em Valença.

Segundo nos informam, o redactor das belezas abaixo transcritas, foi um tal sr. Pereira que já foi rancheiro, e que por causa d'esses afazeres antigos pesa hoje a bagatela de 130 quilos.

Talvez por isso, não pesou as palavras convenientemente e fez a linda obra que passamos a copiar:

IMPONENTES FESTAS

EM HONRA DA

Virgem Nossa Senhora do Faro

PADROEIRA DOS VALENCIANOS

Nos dias 14 e 15 do corrente mês de Agosto

serão levadas a efeito, subsidiadas pela digna Comissão Administrativa da Câmara Municipal, por o dia 15 ser feriado do Concelho estas deslumbrantes Festas que este ano marcarão pelo seu luzimento e imponencias como se verifica pelo seguinte

PROGRAMA

Dia 14

Logo de manhã repique de sinos e uma salva de morteiros anunciarão o começo das festas, dando entrada nesta vila uma afamada Banda Popular, que percorrerá as ruas mais importantes.

Ao meio dia, nova salva de fogos, anunciarão a chegada da apreciada Banda de Música, de Rubiães que abrihantará os actos festivos que dentro e fóra da vila, quer no formoso Monte do Santuário do Faro, ambas se dirigem á Praça da República, executarão algumas peças do seu vasto repertório, como se o concurso destas bandas não fosse suficiente para o abrihantamento destas grandiosas festas, haverá ainda a Charanga de Lanhelas e a de Amorim (Espanha) uma das mais apreciadas da vizinha Galiza. A tarde arraijal no Jardim Público e fóra, tendo lugar a

Feira franca

que, por ser transferida para esse dia a feira ordinária é no dia 18.

A noite, festival no Jardim Público, sendo iluminado á moda do Minho, das 15 ás 12 horas; duas bandas de música far-se-ão ouvir, queimando-se um vistoso fogo do ar dos afamados pirotécnicos deste concelho.

No Monte tocará a charanga de Amorim; havendo o costumado arraijal, sendo profusamente iluminado á moda regional.

Magestosa Procissão

tomando parte no cortejo figuras alegóricas e anjinhos que percorrerá o trajecto do costume, sendo pregado o sermão pelo Reverendo Gil de Faria.

Ao recolher a Procissão dará-se começo ao costumado arraijal que será abrihantado pela apreciada banda de música de Rubiães e pela charanga de Amorim, sendo exposto um lindo Bazar de prendas á Virgem.

E' do conhecimento dos que têm o prazer de ir ao formoso local onde se realiza a romaria da Virgem Nossa Senhora do Faro, o deslumbramento e panorama que dali se disfruta. E' por isso mesmo e para prestar a sua devotada homenagem á Nossa Padroeira que ali affue no dia da festa e quando quantidades de pessoas não só do concelho, como de longe, que vão observar uma particula do puro ar da montanha e mitigar a sede com a puríssima agua que dela brota.

E no final de tudo isto fica a gente sem saber se o gordanchudo criaturo é espanhol ou português. E' fantástico que se faça isto em Portugal para ser distribuido, e não haja ninguém que proíba a sua circulação.

Sr. Pereira: está provado que na sua cabeça não há melhor recheio do que na sua barriga.

«A Cruzada», Boletim Paroquial aprovado e abençoado pelo senhor arcebispo Primaz, que se publica em Braga, trazia no seu número de 27 de Agosto p. p. uma noticia de Vila Cova de que recortamos o seguinte:

— A Cooperativa Agricola de Lactínicos da Ribeira do Neiva, no último mês, aumentou cem centavos em litro ao leite que recebe dos sócios. E no dia certo, sem o menor erro, faz o pagamento. E' a prova de que a sua administração e direcção são modelares.

Exige-se tambem toda a seriedade nos sócios: nenhum mixordeiro a ela pode pertencer.

Realmente para que um litro de leite possa agüentar um aumento de 100 centavos, é preciso que seja uma especialidade, ou uma raridade.

E agora vamos transcrever uns bocadós do folhetim de

«O Comércio de Gaia»

este folhetim chama-se Berta e é firmado pelo sr. Domingos Fernandes Braga, que deve ser um povo cheio de inspirações e vazio de gramática.

Vamos sra. D. Beatriz, vamos para a sala de jantar a ceia está pronta.

A D. Bertinha precisa de tomar alguma coisa pois chegou fatigada da viagem e precisamos que ela se distraia na contemplação e conversação com as santas priminhas que eu ajudei a crias! Vamos

sra. D. Beatriz, vamos meninas, eu já me não posso conter de tanta alegria de ver em nossa casa este anjo que eu trouxe ao colo tantas vezes!

Um solitário com dois lírios roxos na cabeceira onde se sentara D. Beatriz e os três restantes compostos de açucenas, rosas brancas e camélias do Japão.

Era uma noite de festa onde as luzes irradiadas dos seus lustres de cristal, imprimiam áquela sala um deslumbramento igual áquela aquando do casamento de D. Beatriz. A harmonia que reinava naquella sala dava a melhor das impressões felizes, pois há 10 anos que naquella casa reinava a nostalgia da saudade pelo falecimento do sr. comendador Filipe de Vilhena da Encarnação Valadas, marido de D. Beatriz deixando as duas filhas, D. Leonor e D. Ruth, que Deus sempre cobriu de graças.

Durante a ceia muitas recordações vieram ali cair, mas D. Beatriz naquella noite fez esquecer ali muitas tristezas que por ela passaram, só porque era necessário não descuidar o espirito de suas filhas e sobrinha. Falou-se com muita sobriedade do sr. P.^s Francisco, douto abade da fréguesia, o grande humorista que nas horas de ócio costumava ir á casa Valadas entreter a sr.^a D. Beatriz.

Berta perguntou pela Tereza da Eira, a leiteira da casa e informada de que ainda há pouco havia falecido. A D. Beatriz há anos que havia passado nesse grande recolhimento pois a maior parte das pessoas mais estimadas daquella casa tinha dado a alma ao Criador. O único sobrevivente era o sr. abade.

Terminada a ceia com bastante satisfação, Berta quis fazer um brinde a sua tia e num improviso pronunciou o seguinte discurso:

Minha Santa Tia,

Em primeiro lugar cumpre-me agradecer-lhe a bondade com que me recebeu, pois seria uma ingratidão da minha parte não reparar a forma, a sensibilidade do seu coração e a ternura do parentesco. Outrossim como sabe venho aqui viver na sua companhia com ternura, e se tenho saudades de minha mamã e dos meus manos, hei-de com a nossa intimidade esquecer-lhe, porque posso agora reparar com a minha tia as minhas alegrias, para dissipar o negrume das suas tristezas. Saído-a com todas as veras da minha alma, peço a Deus que a conserve por muitos anos para presidir aos destinos do nosso futuro.

Este homem das barbas, que é o proprietário de O Comércio de Gaia, tem dedo especial para descobrir os seus colaboradores, não acham?

Depois do Ribas, este Domingos Bragal... Se calhar é a ternura do parentesco!...

Abençoadas barbas que tanto piolho criam!...

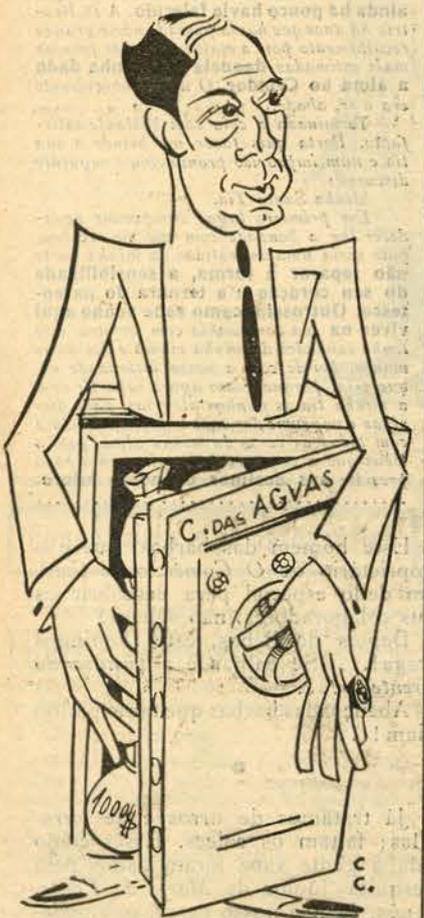
Já tratamos de urros e de ferradelas; faltam os coices. Esses como toda a gente sabe foram dados pelo Mesquita Júnior da Maria da Fonte. E nós, bem a nosso pesar, não podemos ainda hoje pôr-lhe o aziar, porque em primeiro lugar estão os nossos leitores. Até á semana sr. Mesquita.



Injecções que não costumam fazer mal.

Portuenses:

Estamos a escrever-vos absolutamente mergulhados numa banheira de fôlha. O nosso corpo, que até agora só provava água misturada com o



Um tesoureiro impecável, ou um Cofre das Aguas que não mete água

Até que emfi maíu a água!!!...

Esta coisa de ter água estava ser uma seca dos demónios. E não foram necessárias as pre... A água caiu por ela mesma

vinho do tasqueiro da esquina, sente uma sensação de alívio maior que a dos corredores quando chegarem a Lisboa. A nossa tina já não atina com a sua verdadeira função, e, tal e qual como um rapaz guloso a comer melancia, deixa escorrer água por todos os poros.

Mas que importa, portuenses, que a água caia por fora dos recipientes, se é certo que ela caiu no metro cúbico? E, mais centímetro ou menos, que é isso, comparado ao rebaixamento de preço que ela sofreu? Nada! De hoje em diante já não será necessário haver tempestades num copo de água. Com o preço actual já poderá haver tempestades mesmo numa bacia cheia dela!...

Viva o sr. vereador da-humidade!

Antecedentes

Como sabeis, durante bastos anos, era impossível ao tripeirinho limpo fazer as suas abluções mais comézinhas sem se lembrar do marcador, que, quando chegava à tabela, desatava a multiplicar pelo coeficiente que entendia.

E a gente, que tinha feito uma avença sem contar com o ar que também se conta nos canos, chegava ao dia 16 e já não podia gastar água senão para lavar as batatas, porque para o olho de couve já custava o triplo. Conhecemos muito olho portuense que já não via água há muito senão a das lágrimas, e sabe Deus!...

Mas tudo tem o seu termo. Foi por isso que Ex.^{ma} Comissão da actual Câmara, que é composta por pessoas que se lavam, entendeu, e muito bem, que a grandeza do consumo está na

relação directa das lavagens. Vai daí, mandou cair a água, e ela caiu, com enormíssima mágua do sr. tesoureiro que vê o cofre diminuir de bôjbo.

Consequências

Abaixo a lei seca! Era este o grito que todos os jornais do ocidente nos traziam. Assim o ouviram os dois edis,



e se bem o ouviram, muito melhor o resolveram.

E! também certo que esta medida esteve prestes a fracassar em virtude de se ouviremde onde a onde uns gritos subversivos de *Abaixo a água!*... Felizmente foram casos isolados, que não passavam de águas passadas.

A água baixou de preço. E quando o tripeirinho se apercebeu desta miragem, desatou a fazer asneiras por todos os canos.

Um nosso vizinho obrigou a sogra a lavar os pés, que já tinham uma crosta de família, e teve a desgraça de a ver morta sobre o alguidar vidrado.

Aquele da rua de S. Miguel, que tem o nariz muito vermelho vomitou pela primeira vez na sua vida quando bebeu um copo do linfático líquido.

E a Rozinha do nosso terceiro andar

Fazer circular a MARIA RITA, nesmo dada ou emprestada, é con-
: tribuir para a sua expansão ::

já começou a pôr as meias a secar à janela das trazeiras.

Consta ainda que uma comissão de bebedos de profissão se foi entrevistar com o digníssimo Presidente da Câmara e apresentar uma reclamação bem fundamentada no sentido de ser proibido aos tasqueiros portuenses o consumo da água.

Variadas opiniões

Mas a MARIA RITA não podia ficar só por aqui. As suas impressões pessoais não impressionam bem muita gente. E é certo e sabido que os serviços aos quais está confiada a distribuição da água ao domicilio, e a respectiva retirada da mesma depois de passada pelos rins, são de tal forma magnânicos que até se fazem acompanhar das iniciais S. M. (suas magestades) A. e S. (águas e saneamento).

Por isso mesmo, e porque contamos com a incredulidade do público,



fomos procurar algumas opiniões abalisadas. Registamo-las em seguida, sem adjectivos e pela ordem cronológica.

Vocês querem a minha opinião linfática? Dir-vos hei que o abaixamento

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta
:: forma terá graça, de graça ::

sincromático da contadorização me põe alacre de góso.

Eduriza.

Eu sou um novo Cristo!

A água é uma mentira, porque a água nunca se abaixa. Em Famalicão é que eu me tenho visto em águas turvas. Deixai vir a mim as criancinhas.

Vitorino H. Coimbra.

Caia água? O Armindo de Morais ainda não deu a sua opinião. Cá por mim, ando sempre com as águas ao Sul.

José do Sul.

Não me salem em águas! Lembra-me logo o célebre cofo de água que me ofereceram como holocausto à minha celebridade.

Armindo de Morais.

Cá por mim, se me deixassem, tinha pôsto a água de graça na vila de Gaia. Assim, terei de a aproveitar no armazém.

Manuel de Barros.

Faço minhas as palavras do orador antecedente. O Manuel é um dos meus muitos «bars».

Carlos Lelo.

Vocês devem ter ouvido falar na verdunisação das águas!... E' um facto. Eu uso-a. Lá em minha casa não se usa de outra coisa. Só o verde se consente.

Arnaldo Leite.



Um guarda-livros que não trata do deve haver água com fartura

Conclusão

Depois do que atrás fica escrito, está provado que não havia razão para que tanta gente do Porto tivesse abalado da cidade para as águas!



A conduta personificada

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 71 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 354

N.º 362

— Quem bate?
— E' o 32 da 5.ª companhia, meu senhor S. Pedro.
— Vem a pé ou a cavalo?
— Sou de infantaria. Venho a pé.
— Hoje só entra quem vier a cavalo!

Errando no espaço, a alma do soldado veiu a encontrar-se com a alma do médico que o tratara! Travaram conversa... O médico confessa-lhe ter morrido por ter cometido a tolice de provar o remédio que na véspera lhe tinha receitado... O soldado conta-lhe o que com ele se passou à porta do céu... O médico que também vem a pé fica desolado... O militar tem uma ideia e propõe ao médico ludibriarem o S. Pedro...

— Mas como, pergunta o médico?
— Eu montava em V. S.ª e entrávamos os dois!

Aceite a proposta aí os temos às voltas com S. Pedro...

— Quem bate?
— E' o 32 da 5.ª companhia, meu senhor S. Pedro.

— Vem a pé ou a cavalo?
— Venho a cavalo?
S. Pedro, olhou, percebeu e num sorriso malicioso, abriu a porta e disse:
— Entre mas deixe a béstia lá fora!

Remetente: **Pedro Pau.**

N.º 363

Celeste acaba de se casar e conta a sua amiga Júlia:

— Sempre fui loucamente apaixonada por Mário, tão apaixonada que passava noites sem dormir...

— E agora que o tens perto de ti? pergunta Júlia.

— Agora? responde Celeste, ruborizando-se. Agora também não posso dormir...

Remetente: **Horácio Ferreira.**

N.º 364

Um devoto de Baco sai duma capelinha num êxtase tão profundo que nem vê nada diante. Prega uma valente cabeçada num candeeiro e julgando ter esbarrado em alguém, diz em voz avinhada:

— Eu peço desculpa!
Continua zigzagando e nova cabeçada num poste:

— Peço desculpa, meu senhor!

Por repetida coincidência esbarra com a cabeça noutro candeeiro e então já farto de tanta cabeçada e de tanta desculpa resolve assentar-se num degrau, exclamando:

— Ora, bolas para isto! Eu agora é que não saio já daqui sem passar o cortejo!

Remetente: **X.**

N.º 365

O sargento Repeniçado perguntou a um recruta:

— Amas a Pátria?
— O quê, meu sargento?! — Respondeu o recruta. — Então eu ia lá fazer essa desfeita à minha Joana?...

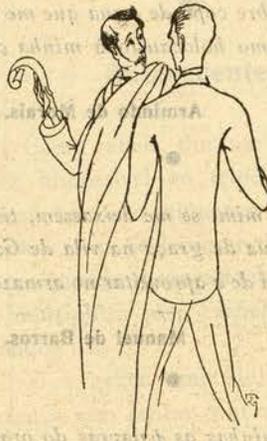
Remetente: **Olegna.**

N.º 366

Entre dois amigos, conversa-se sobre o valor de águas minerais e um deles pergunta:

— Você acredita na eficácia das águas de Vidago.

Sinceridade



— Que tal achas os versos que acabo de ler?

— Oh! Magníficos. Acho-os tão bons, que já teria adormecido se não estivesse de pé.

— Absolutamente.

—?...

— E' verdade; calcule que há 5 anos quando levei lá minha sogra, elas despertaram-lhe por tal forma o apetite que ela apanhou tamanha indigestão que esticou o canelím.

Remetente: **Serigaita.**

N.º 367

Ela — Eu dava-lhe trabalho... mas você saberá manejar a bomba da água?

Ele (vexado) — Oh! minha senhora!... Se eu fui bombista durante uns poucos de anos!...

Remetente: **Rei dos Nabos.**

N.º 368

Professor — O que é o nervo óptico?

Aluno — O nervo óptico, Sr. Dr., é um órgão que se ramifica por todo o corpo, desde a cabeça às pontas dos pés.

Como?!

Sim; quando alguém é calçado num calo vê as estrelas ao meio dia.

Remetente: **Dília Galo.**

N.º 369

— Amo-a, Mimi. Diga-me que também me ama!

— Isso nem se pergunta... Quando me pede aos meus pais?

.....
Era assim que um homem se encravava para toda a vida.

Remetente: **Oldanra Sepol.**

N.º 370

— Senhor meu amo, o vosso cavalo morreu!
— O quê? o cavalo que eu ainda ontem montei.

— Sim, senhor...

— O cavalo baio que apenas tinha cinco anos e era tão bem feito?...

— Esse mesmo Senhor meu amo!...

— Senhor Deus de misericórdia, exclamou então o proprietário consternado, vendo o cavalo estirado na cavalharia. Eis aqui, portanto, o que nós somos!

Remetente: **Delfim de Freitas.**

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonus

Telefone, 5422

Com vênia à secção d'êste título de "O Comércio do Porto"

Que grande prazer eu tenho lendo a «Conversa ligeira» *prantada*, ali no «Comércio», pelo Machado Pereira.

Tão pequeno e que talento lhe brota dos olhos calmos! Os homens, diz o ditado, que não se medem aos palmos.

Com aquela prespicácia que, de todos, o aparta, se vê «oblongo rectângulo» adivinha logo carta.

Foi à Suíça, à Itália, à Veneza dos canais. Tem feito grandes viagens, ... vendo bilhetes postais.

E já 'steve no Estoril veraneando à *bolina*. Correndo atrás das pequenas, foi de ventas à piscina.

Correu ao Paço de Sintra, onde, em profunda vigília, achou, na sala das Pêgas, o seu brasão de família.

Descendência de D. Nuno descobriu êle bem cedo. Mandou-a gravar em prata com um buraco p'r'o dedo.

Se um dia êste mancebo deixar, assim, de escrever, que formidável 'scritor que Portugal vai perder!

Telefonam-lhe as cinéfilas tôdas em louca cegueira: — Quero-te ver ó Machado! — Ai que saúdades, Pereira!

Anda morto por casar com tôla e rica donzela. Tôla, p'ra casar com êle; rica, p'ra casar com ela.

Cronista das elegâncias, penetra em todo o salão. Só lhe falta, mas lá vamos, entrar no chá do Bolhão.

Ouvi dizer um maldoso: — Esta «conversa ligeira» antes devia chamar-se, uma «conserva lixeira».

Não t' arrelies Machado, com ditos desta feição... — Invejas do teu talento e do teu grande brasão.

Dr. Ox n.º 2.

Dr. Miguel -- Gratíssimos. Veja na *Volta a Portugal* e lá encontrará os deslises dos sabichões. E diga por aí a essa gente que a MARIA RITA é qualquer coisa de espavento.

Fernando F. Alves — Só hoje demos andamento ao que nos enviou. Nem por isso deixamos de lhe estar gratíssimos. O original d'êste género é imenso.

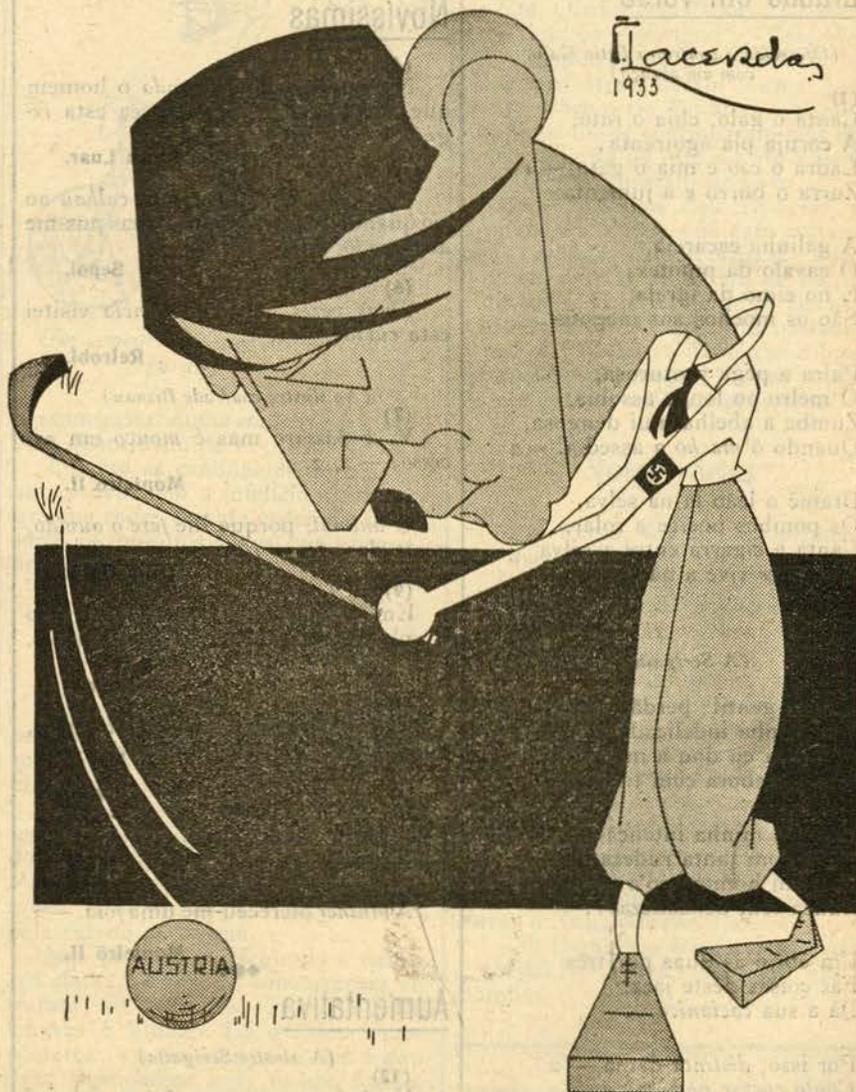
Diliana — Tem razão, tem. Se a vissemos eramos capaz de deitar tudo a perder. E já que os nossos desejos se vão aproximando, não será possível erguer mais o véu um bocadinho?... Se aquilo que a gente sente...

Lingrinhas — O acrescento chegou tarde. Entra na nova carta.

OS MEUS BONECOS

IX

HITLER



Que êle dá a pancada, está o mundo crente. Agora o que ninguém sabe é onde irá cair a bola.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

ANO-N.º 24

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO

REDACTOR: REI DAS MUSAS

9 DE SETEMBRO DE 1933

Decifrações do n.º 22 — 1) Letra U, 2) Precebeijo, 3) Vosque, 4) Sastifação, 5) Carabelas, 7) Quelendário, 8) Nobela, 9) Bilesa, 10) Cão-soada, 11) Valongo, vago, 12) Figueiró dos Vinhos, 13) Ribeira de Pena, 14) Figueira de Castelo Rodrigo, 15) Sobrefacia, 16) Escabexe, 17) Quem escuta de si ouve.

Decifradores — Sepol, 15; Otter, 14; Otrapvylis, 14; Reirobi, 14; Monteiro II, 13; Francisco Rodrigues, 13; Fantasma Negro, 13; Dília Galo, 12; S6 Darco, 11; Seria, 7; Sargento Quim, 4; Oh! Rei Artur I, 2.

Charadas em verso

(Oferecida à confreira Dília Galo com um abraço)

(1)
Canta o galo, chia o rato,
A coruja pia agoirento;
Ladra o cão e mia o gato, — 1
Zurra o burro e a jumenta.

A galinha cacareja,
O cavalo dá pinotes;
E no cimo da igreja,
São os mochos aos magotes.

Palra a pega venturosa,
O melro ao longe assobia,
Zumbe a abelha mui dengosa,
Quando o macho a assedia. — 2

Brame o leão lá na selva,
Os pombos põe-se a rolar,
Canta a cigarra entre a relva
E o feixe vive a nadar.

Serigaita.

(A Serigaita)

(2)
Colega gentil; perdão
P'la minha indelicadeza.
A' férula eu dou a mão,
Muito embora com tristeza.

Não era minha intenção — 1
Falar com tanta rudeza,
Mas um homem co'o pifão
Nunca tem delicadeza...

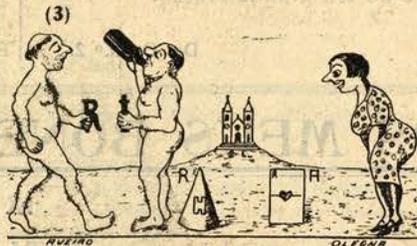
Um ébrio ás duas por três
Faz coisas deste jaez,
Dá a sua cacianice...

Por isso, distinta dama, — 2
Conto cortar pela rama,
O vicio da bebedice...

Olegna.

Enigma figurado caciano

(Ao velho amigo Rei do Orco)



Novíssimas

(4)
Na margem do rio anda o homem
que transporta a bebida para esta região. — 2, 1, 1.

Rutra Luar.

(5)
Fui eu quem atirou um calhau ao
rio quando tomavas banho, mas pus-me
disfarçado. — 2, 2.

Sepol.

(6)
Duas vezes com consciência visitei
esta cidade. — 1, 1.

Reirobi.

(Ao ilustre confrade Bisnau)

(7)
V. é pássaro mas é mouco em
excesso! — 2, 2.

Monteiro II.

(8)
O animal, porque lhe fere o ouvido,
gosta da ária. — 1, 1.

Dília Galo.

(9)
Em virtude de haver mesa farta o
Pérola Verde tocará o instrumento.
— 1, 2.

Seria.

(10)
Tem a Serigaita, um saco de couro,
que foi feito da pele duma ave. — 1, 2.

Kičai.

Eléctrica

(11)
A mulher ofereceu-me uma jóia. — 3.

Monteiro II.

Aumentativa

(A' ilustre Serigaita)

(12)
Você faz a sua oração na igreja?
Porque motivo a não faz em casa? — 2.

Monteiro II.

Sincopada

(13)
3 — Pois claro. Lá na terra tem de
arranjar mais dinheiro para eu encher
a carapuça. — 2.

Maçadas geográficas

(Cumprimentando Monteiro II)

(14)
SABEM SE SAÚDE EL MON-
TEIRO S.

Olegna.

(15)
OH! O PANO DO ALVES...

Horaciano.

(16)
DE D. VASCO LEITE

Otter.

Tipográficos

(9 letras)

(17)
XA VERDE 5000

Otrapvylis.

(Retribuindo a Edipo)

(6 letras)

(18)
I OOOOOOOOOO?

Olegna.

(Retribuindo a Adriano X. Nel)

A Maria d'Assunção
Fêz a asneira de casar;
E caiu — grande irrisão! —
Em ir co'a sogra morar.

Sofreu grande decepção
Porque a velha sem cessar,
Por tudo arma questão
Fazendo-a desesperar!

A rapariga, coitada,
Anda triste e definhada
Porque a Harpia assim a arrasa.

Há dias, disse-lhe assim:
E' bem certo o anexam,
Que diz:.....

Serigaita.

A volta a Portugal a dar à Perna

DITOS MALDITOS E BEM DITOS

Em Portugal, desde os pastores aos cães vadios, não há ninguém que se não tenha interessado a valer por este formidável esforço da raça... do demónio.

Há três semanas precisas (e bem precisas foram) que duas dúzias de cidadãos andam a fazer calo no céu da boca, desesperadinhos para chegar a Lisboa pelo caminho mais longo. Partiram nos meados de Agosto, nada menos que 50 homens fortes, robustos, hercúleos, e actualmente pouco mais de 20 continuam a dar à perna por essas estradas abaixo, muito consolados porque o *Diário de Notícias* aumentou a tiragem nalguns milhões de exemplares, e de olhos fitos no *Jornal de Notícias* que os apadrinhou com uma subscrição colossal.

A MARIA RITA, que além de ser lingüeira é também muito modesta, não podia deixar passar em claro esta manifestação de pernil à mostra. Por isso mesmo mandou um seu redactor especial fazer a Volta, e vai dar por aí baixo as impressões que o mesmo lhe mandou. Não o fez antes por absoluta falta de espaço, e hoje não a dá na íntegra para não obstar à venda dos dois diários de *Notícias*.

Limitamo-nos a dar os melhores tópicos.

As causas da Desistência

Dos 30 corredores que desistiram podem-se apresentar as seguintes causas.

- 7 corredores por mal de Pott
- 5 » entalados com poeira
- 3 » por ofensas à moral pública
- 6 corredores por desistência propriamente dita
- 4 corredores por magreza e incapacidade física
- 4 corredores por motivos particulares
- 1 corredor por não quer perder o equilíbrio.

E' provável que à hora em que o nosso jornal circular, mais alguma desistência se tenha dado. Mas desde já alijamos toda e qualquer responsabilidade no caso.

Alimentação

Tem sido esplêndida. Como o Domingos Dias anda com um Pigarro crónico, teem-se fartado de lhe dar bacalhau. Consta, porém, que não é

com todos, porque o Nicolau comia bifés de cebolada. Há também quem afirme que por causa disso chegou a comer do coco. Nós não afirmamos nada.

O serviço da volta

Os motociclistas amadores que teem acompanhado os martires do *Notícias*, teem feito um serviço. Ocasões houve em que alguns chegaram a rebocar nada menos que um pelotão de cinco. Outros entreteem-se a fazer poeira para que os carros de apoio



Um concorrente que costuma puxar para os outros

possam gastar numa *etapa* apenas, a módica quantidade de 125 litros de água.

Quanto às camionetes de apoio, se um ciclista tem a infelicidade de partir uma roda, tem de esperar a bonita soma 90 minutos antes que chegue a primeira.

Os jornalistas andam com a cabeça à volta

Provado está que os homens sabem pedalar. Assim os jornalistas que os acompanham soubessem um migalhina de corografia portuguesa.

Quem leu o *Diário de Notícias* deve ter reparado naquela miraculosa coisa de terem os ciclistas atravessado o Marão... entre Castro Daire e Lamego. E de terem passado, depois... pela cidade da Régua.

Mas há melhor. Segundo a descrição da 12.^a etapa, os concorrentes entraram no vale do Corgo... entre Chaves e Vidago. Lá o dizem os repórteres: «o rio alonga-se, em meandros caprichosos.» E linhas depois: «torna-se à fila indiana, que se mantém quasi até Vidago».

Fica a gente a pensar aonde diabo teria ido de passeio o Tamega, para que o Corgo corresse assim a meter-se-lhe no leito. O pobre Corgo, que, nos tempos em que nós estudámos geografia, nascia em Vila Pouca de Aguiar e largava logo a correr para o sul, direito a Vila-Real!

Mas há melhor. Leiam este bocadinho de oiro: «Passámos a serra de S. Miguel o Anjo... Segue-se um longo planalto. Os ciclistas entram na descida, passando o Douro entre pinheirais verdejantes»...

E depois de terem atravessado o Douro é que entraram no Pôrto...

Entre o Pôrto e Vigo também se passaram coisas extraordinárias. Segundo a legenda de uma gravura, atravessaram o Cávado numa ponte *antes de Fão*. Quando chegaram a Caminha, escrevem os repórteres: «Estamos a 28 quilómetros da fronteira». E logo a seguir atravessaram «uma longa ponte sobre o rio Minho», — o que os não impediu de continuarem pela margem esquerda de este rio até Valença, onde o transpuseram de novo...

Bem dizem os dois *Notícias*, padroeiros da Volta, que este certamente revolucionado Portugal. Tanto, que até os rios mudaram de leito... e de bacia. E lá foram de pernas ao ar a orografia e a potamografia nacionais!

...A's vezes, ao lermos os colossos de grande informação, dá-nos vontade de alargarmos o *Descanso semanal*.

Notas várias

— O Perna, foi um dos primeiros que deixou de dar à cuja.

— Os ciclistas marinheiros teem-se distinguindo imenso dos outros, pela facilidade com que recebem um banho de mangueira.

— O Trindade tem-se negado a fazer declarações. Se calhar está a reservar-se para o fim. E os organizadores que tenham cuidado porque êle, só em si, reúne três pessoas distintas.

— Na *etapa* Bragança-Chaves, os adjectivos empregados pelo *Diário de Notícias* para exaltar o feito do César Luis, foram de tal modo empolados que a gente tinha a impressão de ver correr o Nuno Alvares Pereira.

— O Domingos Dias quando vinha a chegar ao Pôrto, teve mau fim no Bomfim.

MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

Cheguei tarde e vim de carro
Mais cedo não pude vir.
Só vi a custo o Pigarro
E o Trindade a fugir.

Recebemos mais as seguintes quadras:

Desculpa MARIA RITA
Mais cedo não pude vir
Por usares saia de «chita»
Venho-te ajudar a rir.

Ventura Soares Dias.

Cheguei tarde minha amada
Mais cedo não pude vir
Stive a falar co'a criada
Que me queria divertir.

António Carvalho.

Menina não leve a mal
Mais cedo não pude vir
Inda temos — afinal —
Tempo p'ra brincar e rir.

Fantasma Negro.

P'ra que dizes sem cessar:
Mais cedo não pude vir?
Tu andas-te a advertir...
Se não m'amas... vem m'amar!

Rei das Musas.

Desculpa, mulher! Vim tarde.
Mais cedo não pude vir!
Por Deus! Não faças alarde;
Que a tua mãe pode ouvir...

Solar Callev.

Por causa das minhas botas
Mais cedo não pude vir.
As solas estavam rotas!...
Não se fartavam de rir!...

Pero Gato.

Ainda agora aqui cheguei
Mais cedo não pude vir.
Ainda não descansei,
Os prémios vão a fugir.

Octávia Maria

Boa tarde, Sr. Clemente
Mais cedo não pude vir
Minha sogra está doente
Fui mandando a cova abrir.

S. D.

— Inda agora vens, Helena?
— Mais cedo não pude vir;
Não vês que fui ao cinema
Para o primo divertir.

Sem Destino.

Por causa dos teus «caracas»
Mais cedo não pude vir.
Estive a mudar de cuecas
Por as ter molhado a rir.

Lizé.

E' meia-noite Frasquita
Mais cedo não pude vir.
Pois ao ler MARIA RITA
Fiquei logo a dormir.

Patachon.

Desculpa meu amorzinho
Mais cedo não pude vir.
Mas dou-te um doce beijinho
Que nem o há-dés sentir.

Hó! Rei Artur I.

Ao dizer a minha amada
Mais cedo não pude vir.
Senti coisa mui pesada
Na cabeça me cair.

Kateleb-Elmá.

Cheguei tarde como burro?
Mais cedo não pude vir.
Pois tua mãe com um erro
A casa-me fez cair.

Dr. Cupido.

Cheguei tarde meu querido,
Mais cedo não pude vir
Encontrei o meu marido!...
Vi-me «grega» p'ra fugir.

Chiquinha.

Cheguei tarde, minha bela,
Mais cedo não pude vir.
P'ra me esquecer da piela
Stive até agora a dormir.

Olegna.

Meu bem, que patifaria
Mais cedo não pude vir
Pus-me a brincar co'a Maria
Mas foi só para me rir.

Zé Lapa.

Eu chego neste momento,
Mais cedo não pude vir.
Mas inda venho a tempo
De tuas falas ouvir.

Zangorlipanfas.

Cheguei tarde? Paciência.
Mais cedo não pude vir.
Já vivo na opulência,
Passear-só e dormir.

Paga já.

E agora toca a glosar está:

.....
Um caracol euroscado
.....

O prémio de 20500 foi atribuído à quadra de Lizé por ser a mais engraçada. Não há distribuição do 1.º prémio.

Dentro de breve a MARIA RITA aniciará um outro formidável CONCURSO POETICO.

Quadras... de cabo de esquadra Sentença agradável

O mundo ralha de tudo,
Tenha ou não tenha razão;
— E' por isso que eu não pago
Aos meus credor's, um tostão.

Certo médico afamado
Mandou vir um ferrador
Para curar sua sogra
Que tinha um grande tumor.

Preguntas-me o que é morrer,
Meu amor, minha alegria!
— E' cair da ponte ao rio
Como caiu tua tia!

O coração e os olhos
São dois amigos leais;
— Mas em certas ocasiões
Pés e mãos são muito mais.

Era já noite cerrada
Diz o filho: — oh minha mãe!
Com trinta-e-scis graus à sombra
Só na água se está bem!

Sepol.

N'um tribunal severo
A que um juiz austero,
Solene, presidia,
Foi condenado um dia,
Em julgamento breve,
Um réu, por crime leve:
Três meses de prisão
Mas com a obrigação
De ter de trabalhar
(Para o seu pão ganhar
Enquanto lá stivesse)
Usando a profissão
Antiga, que tivesse.

Ouvindo tal sentença
O réu, sem mais detença,
Aprova, satifeito,
E diz,
De mão no peito
Aberta, agradecida:
— Senhor Juiz!
Muito obrigado, s'nhor!
O meu modo de vida
E' o... de aviador!...

Dr. Knox.

Para
Pintar
paredes

Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10 minutos
dura 10 horas
anos



DECIMA SEGUNDA PEÇA DO CONCURSO
O JUSTO PELO PECADOR...

Comédia quasi trágica e duplamente teatral

PERSONAGENS: D. Aurora, esposa do Dr. Torresmo, O malandrão, O Dr. Torresmo, O bilheteiro Romão, O pano (também ser gente)

PRIMEIRO ACTO

A cena deste acto é rachada ao meio. Numa das partes, o escritório do Dr. Torresmo, mobilado como todos os outros, tendo mais uns maples e uns divans muito aconchegadinhos, muito convidativos mesmo a pedir... folia. Na outra parte, um escritório comercial, também como qualquer outro; uma gentilissima dactilographa, e vários empregados, entre os quais o Malandrão.

Ao subir o pano, D. Aurora está marcando ao telefone. No escritório da outra parte canta a campainha do sobredito-cujo: trrim trrim... trrim trrim .. trrim trrim...

O MALANDRÃO (auscultando) — Faça favor de dizer...

D. AURORA — E' do teatro Tacão?
 O MALANDRÃO (piscando o olho aos colegas) — Exacto, minha senhora...

D. AURORA — Está o sr. Romão?
 O MALANDRÃO (piscando o outro olho):

Sim, senhora, é ele mesmo
 Quem aqui está a atender...

D. AURORA

Daqui fala a D. Aurora,
 Mulher do Dr. Torresmo...

O MALANDRÃO — Então diga.
 D. AURORA

Faz favor
 De guardar para esta noite
 Um camarote, o melhor,
 Mas que seja de primeira...

O MALANDRÃO (piscando todos os olhos):

Essa agora é muito boa!
 E', de-certo, brincadeira!...
 Uma formidável loa...
 Muito pasmo que se afoite
 A fazer um tal pedido;
 E como ainda se atreve
 O sonso do seu marido
 A mandar telefonar
 Duma forma tão precisa!
 Nada lhe posso guardar,
 Nem camarote, nem frisa,
 Enquanto ele não pagar
 Os camarotes que deve!...

D. AURORA (quasi a cair para o lado):

Meu Deus, eu vou rebentar!
 Não posso com tal tormento!
 Eu nem quero acreditar
 Que el'falte ao seu juramento!...

(O pano, que estava a ver com um olho para cada lado, ia quasi para pôr tudo em pratos limpos; mas ficou esperando os acontecimentos, sentando-se comodamente num maple.)

SEGUNDO ACTO

Só o escritório do Dr. Torresmo. D. Aurora passeia nervosa, como fera enjaulada. O Dr. Torresmo entra, de braços abertos para a esposa, que o recebe como vocalências podem calcular...; isso fica à vontade do freguês.

D. AURORA (a comer chispes, isto é, a chispar):

Seu grande monstro, devasso!
 Seu biltre, seu libertino...

(O Dr. Torresmo para ipso-facilizado)

Diz que vai ver os doentes,
 A altas horas recolhe...

(O Dr. Torresmo abinça)

D. AURORA (ainda mais achispalhada):

Não avance nem um passo,
 Para que eu não perca o tino.
 E lhe rebente esses dentes!...

O DR. TORRESMO (todo conciliador):

Mas, minha filha, sossega
 E as lindas unhas encolha...

D. AURORA (cada vez mais panterica):

Não me trate mais por filha,
 Que eu não sou nenhuma niña,
 Dessas com quem o senhor,
 Quando no sono me pilha,
 Vai, a trasbordar de amor,
 Para o teatro Tacão!...

O DR. TORRESMO (a achar graça à coisa):

Essa é das mais engraçadas...
 Quem te impingiu tal palão?

D. AURORA (assumindo o autêntico aspecto, sográstico, quere dizer, no pincaro da furta):

Pregunte às suas amantes,
 Que são tantas, variadas,
 Que o obrigam a cometer
 Certos actos aviltantes...

O DR. TORRESMO (mudando o disco e com grandes ganas de começar à baz.nada):

Ora bem: quero saber
 Quem meteu tais disparates
 Nessa formosa cabeça...

D. AURORA (apanhando um calor, isto é, acalmando um pouco):

E se tu, depois, lhe bates?...
 Tal não quero, meu amigo...

O DR. TORRESMO (já muito embezzerrado)

Vá... despacha... tenho pressa!...

D. AURORA (amaciano, pois conhece o marido por dentro e por fora. Pudera!...):

Então... quem foi; já te digo

(Num esforço)

O bilheteiro Romão,
 Há pouco, p'lo telefonio...

O DR. TORRESMO (virando-se para a porta):

Vai-mas pagar, grande cão!
 Intriguista do demónio!

(Sai que nem um fura... cadelas)

O pano quis correr atrás dele, mas já não teve tempo

TERCEIRO ACTO

Na bilheteira do teatro Tacão. O Romão está sentado numa cadeira, a passar as peugas e cantando o «Ai que sarilho»... «Ser pai, etc.»...

...Mas, nisto o Dr. Torresmo Penetra de escantilhão P'la porta da bilheteira: Cai sobre o pobre Romão, Dando-lhe lambada a esmo, Pontapé e sóco em barda... O Romão cai da cadeira, Berrando, alito: — O' da guarda!

O pano cheio de dó

Do bilheteiro Romão,
 Também desce, de roldão,
 Entre uma nuvem de pó.
 Como um pai mui carinhoso,
 Cobre o pobre bilheteiro,
 Que está cheio de pavor,
 A livrá-lo, pressuroso,
 Do furor zaragateiro
 Do irascível doutor.

E estende todas as fregas...

Bisnau.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Estreia do estupendo transformista D'Enri e dos bailarinos Los del Plata.

Rivoli: As notáveis produções O Azul do Céu e Pal e Patachou congressistas. Batalha: Os magníficos filmes Laurel e Hardy em Marrocos e o Pagão.

Concurso do papel rasgado

3.ª CARTA

Minha ...

*Quem espera ...
hontem tornaste em realidade ...
Mas se eu adivinhasse que
seria eu o primeiro a
arrependo-me de o ter feito ...
hora má. Apesar-de de tudo ...
perdão.*

Dr. Knox.

Nome

Palavras certas

Morada

(Cortar por aqui)

Aí temos nós a primeira carta, tal qual ela é, juntando as duas metades:

Minha querida Cunegundes:

Recebi o seu retrato. Formosíssimo. Uma luz admirável. Obrigado. Bem pena tenho que o resto do seu corpo não saísse da câmara escura. A felicidade reside às vezes num bocado de cartão. Obrigado.

Amanhã se Deus quiser passarei à sua porta. Beijo as pontas dos seus cabelos.

Dr. Knox.

Recebemos nada menos que 132 recortes. Mas, ou porque a carta fôsse realmente difícil ou porque a infelicidade vigiasse os concorrentes, o que é certo é que só 6 deles conseguiram ultrapassar o número de 10 palavras certas.

Foram eles:

Formozinho da Sé, 12; Pimpão de Altamira, 11; Marcos Correia, 11; Dr. Cupido, 11; Impávida e serena, 10; Manuel S. F. Tavares, 10.

Aos concorrentes que obtiveram menor número de pontos certos, e cuja lista não publicamos por causa do espaço, pedimos o favor de anotarem o número das que acertarem e irem somando semana a semana. No final do concurso diremos o número total de pontos de cada um.

Nada de desistir! Segundo prometemos, e em face da pouca quantidade de felizes, já no nosso próximo número diremos os novos quantitativos necessários para se obterem os bons prémios.

Ao concorrente que queira começar na terceira carta, ser-lhe-ão atribuídas 18 palavras certas. Para isso terá que nos mandar os recortes referentes à 1.ª e 2.ª cartas, em branco.

Igualmente como prometemos, vamos transcrever as

três cartas mais interessantes que recebemos. Duas delas alcançaram mais de 10 pontos; mas a outra não totalizou mais de 6 e nem por isso perdeu o merecimento:

Minha querida Maria:

Recebi o seu retrato. A cabeça tem uma luz admirável. Obrigado. Bem pena tenho que o resto do seu corpo não saísse tão perfeito. A felicidade reside às vezes num pequeno nada.

Amanhã se permitir passarei à sua porta. Beijo as pontas dos seus dedos.

Dr. Knox.

Minha querida Cunegundes:

Recebi o seu retrato, onde seu olhar espalha uma luz admirável. Obrigado. Bem pena tenho que o resto do seu corpo não saísse tão nítido. Uma bel-dade reside às vezes num lugar tão triste!

Amanhã se puder passo à sua porta. Beijo as pontas dos seus cabelos.

Dr. Knox.

Minha querida Maria Rita:

Recebi o seu retrato; vejo que foi tirado com uma luz admirável. Obrigado. Bem calculei que do seu corpo não saísse nada de geito. A felicidade reside às vezes num pequeno nada.

Amanhã se sair, veja lá como se porta. Beijo as pontas dos seus dedos.

Dr. Knox.

Ver plano do concurso nos últimos números.

No próximo daremos a segunda carta tal qual ela é.